



Os tradicionais tamancos holandeses. — Cena graciosa da Holanda, com seus tradicionais tamancos, moínhos e tulipas. Esta holandezinha examina a fileira de lindos tamancos encostados à parede da casa. Será porque quer comprar um par para os seus pèzinhos, ou porque se está preparando para o bote de Natal a fim de enchê-los de capim, como o fazem as crianças brasileiras?

ANO LVII
SÃO PAULO, 14 - XII - 1958
NÚMERO 47

ave
maria

Rumo ao presépio

A atenção expectante polariza as atividades nossas, constituindo a grande sinergia das nossas receptividades acolhedoras.

Vem-nos melhor o que esperamos. Com mais alegria abraçamos o que aguardávamos com ânsias.

Há uma sintonia entre o desejo nosso e o objeto amado, que nos assimila ao que bem-queremos.

De tal sorte que o sentimento de posse do Bem é em certa maneira um reencontro conosco mesmos, no aspecto mais excelso do que sonhamos ser.

Quando Deus nos abraçar, na Eternidade, é a Ele mesmo que buscará, na semelhança laboriosa com que nos esforçamos para tornar-nos sua Imagem.

* * *

Por isso, o desejo do Menino Jesus é a grande flama do Advento.

Um desejo que cresça em nossa inteligência e afaste para a margem as demais preocupações.

Um desejo que se apodere de nosso afeto e se faça a dominante de tôdas as nossas perspectivas.

Um desejo que nos coloque na linha do Presépio, na luz de Maria, no rumo certo do Menino.

E organize o nosso íntimo.

Em verdadeira sinergia de inteligência e coração, nossa e dos irmãos, numa palpitação fraterna e uníssona.

De tal sorte, que quando vier, o Menino Jesus em nosso coração encontre o Seu amor, em nos-

sas fisionomias o seu brilho, em nossos lábios o seu idioma.

E possa falar-nos, e possa dar-se, na certeza de que os vasos de nossos corações, esvaziados e alimpados, já não têm outro destino senão a ambição santa do perfume de sua Presença.

E assim como a Ele nos buscamos ajustar, com amor há de amoldar-se, feliz, nas medidas de nosso amoroso desejo...

* * *

Quem sabe, êste pensamento nos assusta, e estremecemos à idéia que receberemos o Menino, apenas dentro das dimensões exíguas e imperfeitas que alcançarmos...

E nos voltamos, então, para Maria.

Mãe, Ela dá sempre o que de Deus recebeu para nossa riqueza.

E rezamos também, e cantamos alvissareiros. Que esteja em nossa alma a alma de Nossa Senhora, que nos faça aguardar Jesus.

Que exulte em nosso espírito o espírito de Maria, que nos ensine a linguagem de amor para Aquêle pequenino Deus.

Que sintonize com o nosso coração o Coração da Virgem, que incendeie o nosso afeto no anelo único de beijar o Infante Esperado.

Em tão encantadora maneira, que ao nascer para cada um de nós, no presépio de nosso coração, o Menino Jesus se rejubile de pura alegria, vendo em nosso interior, não a fria e escura Gruta de Belém, mas a riqueza mimosa do Imaculado Regaço de Maria.

ESCREVEU

Antonio Maria Alves de Liqueiro
C. C. C. C.

À MARGEM DO EVANGELHO

TERCEIRO DOMINGO DO ADVENTO

Jão Batista abandona a vida solitária e começa a pregar. Mal as ondas sonoras de sua voz circulam pelos ares ensolarados da Palestina, o povo acorre em grande massa a ouvi-lo. Não consta que fizesse milagres. Não foram, pois, os sempre cobizados milagres os chamarizes da multidão para junto de João Batista. O que nêle atraía aquelas gentes era a pregação persuasiva, inspirada por Deus, era sua vida santa e penitente. Iam rodeá-lo a fim de estar, de sentir Deus mais perto.

Os sacerdotes e fariseus concluíam, pelas profecias, que o Messias devia estar próximo. Quem sabe se era êsse João que ensinava e batizava às margens do grande rio... Mandam interrogá-lo. Ele responde que não é o Messias, nem sequer Elias, mas o Precursor do Salvador vindouro. Prepara o povo para a chegada pública dAquele que há de vir, e que se chama Jesus, ensinando-lhe a endireitar os caminhos, isto é, a remodelar o procedimento.

* * *

Estamos às portas do Natal. Jesus vai chegar. A Igreja, como Deus Nosso Senhor, envia João Batista adiante, nas missas dos domingos do Advento, com a idêntica missão e a mesma pregação: Endireitai os caminhos do Senhor. Arrumemos também nossa vida.

Precisamos, antes de tudo, sair do estado de pecado mortal. Que absurdo passar o Natal na inimizade de Deus! Arrependamo-nos de nossos erros, cortemos de vez o pecado e fujamos das ocasiões que o preparam. Depois, ajoelhemo-nos no confessionário para depor a carga de nossas misérias. Tenhamos dentro da alma a alegria de estar em graça com Deus como, por fora, vivemos as alegrias da santa festividade do Natal.

A seguir, passemos em revista os defeitos e pecados veniais quotidianos, que são inúmeros, e mãos à obra. Devemos, no desejo, querer corrigir todos de vez, porque todos são ofensas a Nosso Senhor. Na prática, porém, se assim agirmos, facilmente perderemos o tempo. Os frutos colhidos serão leves em nossas mãos. Escolhamos um pecado em particular e o efeito será mais positivo. Aprendamos a lição dos rios solares passando pela lente. Embora calorentos, os raios do sol nada fazem a um pedaço de papel. Mas, se os concentramos por meio de uma lente convergente, então são capazes de atear fogo no papel, ou chamuscar um inseto. Também se centralizarmos a atenção e as energias em determinada deficiência

(S. João, I, 19-28)

Eis o testemunho de João, quando os judeus lhe enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas a perguntar-lhe: "Quem és tu?"

E ele confessou, e não negou. E confessou: "Eu não sou o Cristo". E eles lhe perguntaram: "Quem és, pois? És tu Elias?" E ele respondeu: "Não sou". "És tu o profeta?" E respondeu: "Não". Disseram-lhe, então, eles: "Quem és, pois, para que possamos dar resposta aos que nos enviaram? Que dizes de ti mesmo?" Disse-lhe ele:

"Eu sou a voz do que clama no deserto:

Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías". Ora, os que tinham sido enviados eram da seita. E interrogaram-no, e disseram-lhe: "Como batizas, pois, se não és o Cristo, nem Elias, nem o profeta?" João respondeu-lhes, dizendo: "Eu batizo em água, mas no meio de vós está quem vós não conheceis. Êsse é o que há de vir depois de mim, que é mais digno do que eu, de quem não sou digno de desatar a correia do sapato".

Isto se passou em Betânia da banda de além do Jordão, onde João estava batizando.

nossa, o progresso espiritual auferido será mais evidente, mais consolador. É o que se denomina tecnicamente exame particular.

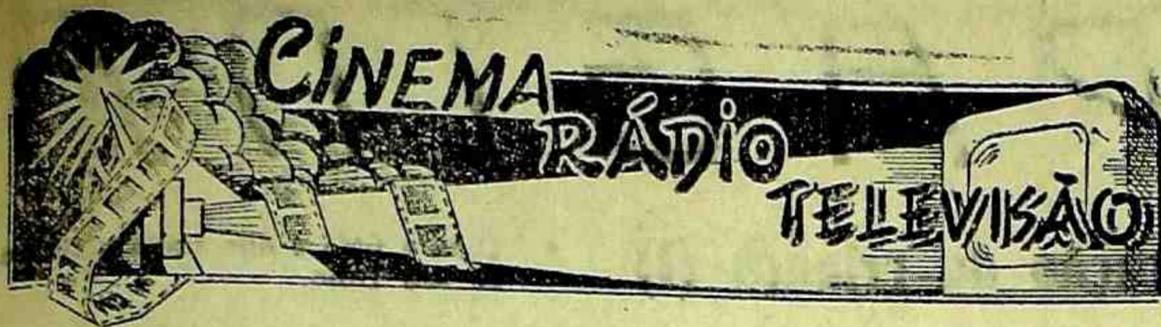
Mas, qual defeito escolher? eis a pergunta que se nos antolha naturalmente.

Aquêle que mais cometemos e há de ser mais desagradável a Deus. Talvez as murmurações contínuas. Talvez o gênio irascível. Não somos como aquêle religioso das velhas crônicas que largou o convento, onde brigava com todos, e foi viver sozinho numa caverna, esperando encontrar a paz? Assim que chegou ao seu abrigo, ao arrumar o pote, êste caiu e quebrou-se. Exasperou-se e, na sua cólera, Deus o iluminou. Caiu na conta de que não havia ninguém para o molestar e, no entanto, se irritara. Compreendeu, então, que o provocador de tantas desavenças se escondia dentro dêle mesmo, não eram os outros. É êste o nosso caso?

Atendamos, pois, o convite de S. João Batista para endireitar o caminho por onde vai chegar o Menino Jesus.

Pe. ATHOS LUÍS CUNHA, C. M. F.

AVE MARIA



No cinema:

Os verdadeiros actores devem ser os que ficam fora da tela. Não sejam meros espectadores passivos! Saibam julgar.

A ação da Igreja no campo cinematográfico não se restringe apenas à classificação moral dos filmes. Existe também uma parte mais positiva, à que o Papa Pio XII consagra alguns parágrafos na "Miranda Prorsus" sob o título "Educação das massas": "Para, em tais condições, poder o espetáculo desempenhar a sua função, requer-se o esforço educativo que prepare o espectador. Que o prepare para compreender a linguagem própria de cada uma dessas técnicas diversas e para dispor de tal formação da consciência que lhe permita julgar com ponderação os vários elementos oferecidos pela tela e pelo alto-falante, e assim defendido, não lhes ir sofrendo passivamente o influxo, como muitas vezes acontece.

Nenhuma diversão sadia — "que se tornou agora, como dizia o Nosso Predecessor de feliz memória, verdadeira necessidade para quantos que se esfalfam nas ocupações da vida" — nem o progresso cultural se podem considerar plenamente garantidos sem esta obra educativa, esclarecida pelos princípios cristãos.

A necessidade de dar tal educação ao espectador sentiram-na intensamente os católicos nos últimos anos, e numerosas são hoje as iniciativas que tendem a preparar os adultos e a juventude para melhor apreciarem os lados tanto positivos como negativos do espetáculo. Está claro: tais iniciativas, seguindo as normas da educação cristã e sendo dadas com competência didática e cultural, não só merecem a nossa aprovação mas também o nosso decisivo encorajamento para que sejam expostas e explicadas nas escolas e nas Universidades, nas associações católicas e nas paróquias".

"Formar, para assistir de maneira consciente e não passiva aos espetáculos, fará diminuir os perigos morais, permitindo ao mesmo tempo ao cristão aproveitar de todos os conhecimentos do mundo para elevar o espírito até à meditação das grandes verdades de Deus".

Prezados leitores, existem tais organizações católicas no mundo e no Brasil?

Seria enfadonho enumerar todas no mundo inteiro. Só quero mencionar o curso excelente que existe em Roma na "Università Internazionale degli Studi Sociali", sob a direção do r. p. Morlion O. P.

E no Brasil dizer que a formação cinematográfica dos adultos e da juventude está quase exclusivamente nas mãos dos católicos. Senão, vejamos. O Curso de formação cinematográfica do Museu de Arte Moderna, em São Paulo, só começou a funcionar em janeiro do corrente ano, enquanto o mesmo curso da Ação Social Arquidiocesana no Rio de Janeiro funciona desde 1952! O mesmo curso da ASA em Belo Horizonte já existe há dois anos. Em Porto Alegre há o magnífico cine-club "Pro Deo", sob a direção de Humberto Didonet, também com um curso anual. No norte, em Recife, João Pessoa e outros lugares existem cursos sob direção católica. O autor destas linhas tem saído muitas vezes para dar cursos intensivos em cidades, colégios e seminários, como também o nosso correspondente de São Paulo, sr. Hélio Furtado do Amaral vem fazendo em São Paulo e cidades do sul do país.

Temos, portanto, correspondido ao apêlo do Papa há muitos anos e merecemos, como todas as outras entidades católicas no mundo inteiro, as orações e os sacrifícios do imenso exército do Apóstolo da Oração e de todos que orarem com êle pela intenção do Papa — Pe. Guido Logger, ss. cc.



LANÇAM NO MÉXICO O "ONIX" PARA PREMIAR O BOM CINEMA

MÉXICO (NC) — O Instituto de Cultura Cinematográfico criou o prêmio internacional Onix para estimular os bons filmes. Foi lançado na inauguração da Resenha Mundial de Festivais Cinematográficos que reuniu aqui produtores, argumentistas e atores dos Estados Unidos, França, Itália, Inglaterra e México.

O ICC foi fundado pela Universidade (católica) Iberoamericana para formar os técnicos e críticos cinematográficos no aprêço aos valores espirituais e morais da arte da tela.

O Onix, um pedaço dessa pedra escuríssima, com placas de prata de prata encrustada para as respectivas legendas, honrará o mérito dos cinematografistas em várias categorias: as produções em si, diretores, argumentistas e adaptadores, atores e atrizes e produtores.

Para a Resenha contribuem com suas realizações filmicas a Tchecoslováquia, os Estados Unidos, a França, a Inglaterra, a Itália, o Japão, o México a Rússia e a Suécia.

COTAÇÃO DE FILMES

Sem objeção:

No mundo da lua.
Um amor de professora.
O camelo da Rua Larga.
Viva o palhaço.
Sinfonia dourada.

Com objeção a crianças:

O Mexicano.
Audácia de um estranho.
O julgamento do capitão Dreyfus.
Jamboree.
O Rifle de quinze balas.

Com objeção a menores:

Fräulein.
Paulo e Carolina.
Tufão sobre Nagasaki.
O Mordomo e a dama.
O Corsário da meia lua.
O engraxate.
Estigma da crueldade.
Morfina.
Na rota do inferno.
Uma lua de mel em Monte Carlo.
Para que outros possam viver.
Continente dos deuses.
E o bicho não deu.
A lenda dos desaparecidos.
Meu sangue por minha honra.
Romeu e Julieta.
Pecado de castidade.

Toleráveis para adultos:

Danya, a pecadora.
Escravo de amor das amazonas.
O momento sublime.
A casa das amarguras.
Fúria bárbara.
Almas maculadas.
A fúria da carne.

Desaconselhados:

Vida de artista.
Êsses maridos.
O engano.

Condenados:

Quando a carne manda.
Cobiça.

FEMININA

Conversando, ensinando, corrigindo, ajudando a criança em todas as vicissitudes, a mãe imprime-lhe parte da sua personalidade.

Esta é a razão pela qual a mãe é insubstituível.

De modo geral, parece enfadonho ter de cuidar tanto de uma criança. Mas não é! Acompanhando com interesse e amor o seu desenvolvimento físico, moral e intelectual, é uma das tarefas mais gratas que possa existir. Sei de uma mãe que dizia: "não troco nada deste mundo pelo prazer de ficar com meus filhos".

A educação do berço e da primeira infância ficam para sempre gravados no espírito da criança. Quantas vezes um rapaz, já adulto, pendendo para qualquer desvio, não o faz porque se lembra de sua mãe!

(Prosseguirá)

MARTHA B. CORSINO

Pio XII sobre a moda

O LÍCITO E ILÍCITO

"A moda deve estar de acôrdo com a moral, para não ser causa de escândalo e pecado", recordou S. S., o Papa Pio XII, a um grupo de figurinistas, líderes da União Latina de Alas Costura, para os quais teve palavras de advertência, no sentido de evitarem criação de vestidos imodestos e de luxo excessivo.

A alocução foi a mais extensa até agora dedicada por um Papa ao atualíssimo tema da moda. Abrange considerações gerais ligadas ao vestuário, problemas morais que envolve, sua solução e conselhos para a indústria de costuras.

Higiene, modéstia e decôro, disse o Papa, são as normas gerais para o vestuário humano, princípios de raízes tão profundas que não podem ser ignorados sem resultados funestos.

A modéstia apresenta exigências que determinam o respeito devido ao próximo, como "escudo em face da sensualidade desordenada"; o decôro corresponde assim a uma necessidade inata, sentida especialmente pela mulher, de se apresentar com dignidade e elegância.

O Soberano Pontífice rebateu, a esta altura, a teoria de que a modéstia é algo relativo, que depende da educação recebida.

Essa teoria, disse em seguida, é explicitamente condenada pela

repugnância que despertam os que se atrevem a adotá-la como norma de vida". Vem a ser ainda falsa e impudica, não sendo no fundo outra coisa senão uma manifestação de hipocrisia.

A Igreja não condena a moda quando ela é decorosa e serve para ornamento devido à pessoa humana. Mas adverte aos fiéis para que não se deixem arrastar cegamente por ela. Essa atitude positiva da Igreja tem como base o fato de que o corpo humano, obra-prima de Deus no mun-

do visível, e sujeito à alma imortal, foi elevado pelo Redentor a templo do Espírito Santo, e como tal, tem de ser respeitado. Sua beleza não é em si mesma um fim.

O Soberano Pontífice indicou, como causas da imodéstia, as intenções maliciosas de alguns modistas, a malícia dos que se vestem imprópriamente e a ostentação desordenada da beleza física, transformada de dom de Deus em instrumento de pecado e perdição.



Quando bem aproveitado, um motivo simples e singelo, pode enfeitar e enriquecer um vestuário.

O desenho que apresentamos, fácil de executar, proporciona distinção e elegância.

Bordado com linhas de côres, ou na tonalidade do tecido; enfeitado com missangas ou pedras coloridas êle dará sempre novo realce à uma toilette.



Intenção da Arquiconfraria do I. Coração de Maria para o mês de Dezembro

ROGAR AO CORAÇÃO DE MARIA PARA QUE SE FO-
MENTE A SUA DEVOÇÃO COMO FONTE DE PUREZA
E SANTIDADE PARA TODOS

Maria, como obra-prima de Deus, é por isso mo-
dêlo perfeitíssimo de virtude e santidade. O anjo da
Anunciação saudou-a como cheia de graça e Isabel
nela reconheceu a Bendita entre as mulheres.

A teologia católica, ao contrário do que afirmam
as seitas protestantes, está em perfeita consonância
com a Bíblia ao apresentar Maria como o espelho
da infinita Santidade. Espelho sem mancha e ima-
gem da bondade de Deus. Como tal pode-se-lhe apli-
car o texto que São Paulo atribui a Jesus Cristo:
"Olha e faz segundo o exemplar que te foi mos-
trado sobre o monte".

Maria é a Mulher bendita preconizada por Deus
nos primórdios da humanidade como vencedora da
serpente. O símbolo tornou-se realidade precisamente
no cimo do monte Calvário. A sombra do lenho re-
dentor foi esmagado o inimigo do gênero humano
pelos pés da Virgem Imaculada.

Mãe e Medianeira dos homens

Foi um dos artigos do grande testamento de Jesus
que os nossos ouvidos captaram com emoção a en-
trega de sua própria Mãe a cada um de nós na pes-
soa do Discípulo Amado: "Eis aí tua Mãe".

O Mestre, porém, vai mais adiante em generosi-
dade. Podia salvar-nos sozinho, e o não fez. Podia
sem concurso de ninguém impartir-nos todas as suas
graças e escolheu uma Medianeira. E de tal sorte
lhe depositou nas mãos os seus tesouros que nenhum
favor desce do céu aos homens sem passar antes pe-
las mãos de Maria. A história do Cristianismo assim
o proclama a partir do "Fiat" da Encarnação, atra-
vés do Pentecostes até o século em que vivemos.

A perpetuidade da Igreja identifica-se, até certo
ponto, com a consoladora realidade da devoção a Nos-
sa Senhora e com a sua presença de Mãe na edi-
ficação do corpo de Cristo. E não é ela, por ven-
tura, a que destruiu por sua candura todas as he-
resias do mundo?

Fonte de pureza e santidade

Jamais o mundo sentiu tanta necessidade de
pureza como nos dias que atravessamos. Isto não
significa em absoluto que os homens do nosso tem-
po sejam mais depravados do que outrora, mas sim-
plesmente que os meios de perversão se oferecem
mais fáceis e tentadores. As maravilhas nunca vistas
da técnica — frutos da inteligência — que deveriam

ser empregadas para glorificar a Deus, revertem amiú-
de em desgraça e ruína das almas imortais. Feliz-
mente, porém, Deus deu a cada criatura um coração
cuja capacidade só Ele pode preencher. E cada vez
que o homem, esquecendo o céu, mergulha nos pra-
zeres dos sentidos, sente alargar-se no seu íntimo o
vazio do Infinito. É então que, a exemplo de Santo
Agostinho, arrancará do peito o brado de fé: "Para
Vós nos fizestes, ó Senhor, e inquieto estará o nosso
coração até que em Vós descanse".

A alma culpada aspira purificar-se e alçar o vôo
até à Santidade inefável de Deus. Aqui mais uma
vez a bondade amorosa do Pai vem em socorro da
nossa baixeza oferecendo-lhe um modelo divinamen-
te terno e humanamente acessível: a Mãe do seu
próprio Filho. Maria é a visão apocalíptica do nosso
século. A mulher vestida de sol. A Senhora coroada
de estrelas. Ela é, por vontade de Deus, a fonte
luminosa onde virão saciar seus anelos de pureza as
almas de boa vontade.

A grande revelação

Mas estava reservada para o nosso atribulado
século XX a prova mais amorosa da Providência Di-
vina em prol dos homens. A sempre misericordiosa
Virgem Mãe de Deus, quis mostrar-se aos felizes pe-
gureiros de Fátima sob o símbolo do seu Imaculado
Coração. É por Ele, disse a Senhora aos videntes, que
Deus deseja salvar o mundo. Era necessário, porém,
que o mundo lhe fôsse expressamente consagrado em
sinal de vassalagem. Coube ao Santo Padre Pio XII
de imortal memória cumprir o desejo da celeste Rai-
nha para gáudio dos filhos e devotos do Coração de
Maria em toda a vastidão da terra. Após o mundo
consagraram-se outrossim muitos países e famílias e
indivíduos, num "crescendo" que, sem dúvida, terá
arrancado aplausos da Corte Celestial.

Neste ano centenário das Aparições de Lourdes
cada fiel deve fazer ou ratificar sua consagração ao
Coração Imaculado de Maria. É o obséquio mais
lindo que lhe podemos oferecer. Nada mais justo:
a mensagem de Fátima é substancialmente a mesma
que a da gruta de Massabielle: pureza, oração, pe-
nitência.

A Virgem Imaculada outra vez nos pede estas
três coisas, agora, porém, em nome daquilo que as
mães possuem de mais divino: o Coração!

Pe. José Rezende, C.M.F.

● O ATUM emigra, todos os
anos, para o Mediterrâneo.
Nessa época é chamado "Atum de
direito" e é mais apreciado para

o consumo!

● FLOR CARNÍVORA — As flô-
res da Drosera fecham-se

quando capturam um inseto que
é morto e digerido pelo líquido
ácido, rico em pepsina, segregado
pelas suas fôlhas!



AGRADECEMOS A SANTO ANTÔNIO MARIA CLARET :

- a saúde de meus pais. Maria Aparecida Borges, de Campo Belo.
- ter ficado boa das pernas. Juliana Carbajo Lahoz, de Bocaina.
- sua proteção em favor de uma minha empregada em momentos de aflição e haver curado meu filhinho. Nara Salomão Vieira, de Juiz de Fora.
- importantes graças. Dirce Gobbi Lima, de Catanduva.
- diversas graças importantes. Laura Lima Azambuja, de Passo Fundo.
- uma graça de saúde. Maria Silva, de Guaratinguetá.
- importante graça. Miguel Carreta, de São Pedro.
- a saúde de minha filha Margarida e do menino José Aparecido, bem como ter meu marido se livrado de grave desastre. Maria do Pilar Furtado, de Vera Cruz.
- importante graça. Maria Elisabeth Sousa, de São Vicente.
- importante graça. Benedita Siqueira, de São Paulo.
- a saúde de meu espôso e outra graça em favor de meu filho. Alzira Cortês dos Santos, de Santos.
- o fato de haver chovido, cousa que muito precisávamos; invocamos para isso sua proteção. Pessoa devota, de Jaú.
- uma importante graça, e agradeço, a partir do próximo ano quero ser Padrinho de um seminarista claretiano. José Temer Neder, de Três Corações.
- A cura de minha vista. Yeda Marfia Santos, de São Paulo.
- uma grande graça a favor de meu filho Francisco. Zinah Rezende Alvarenga, de Perdões.
- sua proteção em momentos de grave aflição. Devota, de Vinhedo.
- bom resultado em nossas provas parciais. Geralda Ribeiro e Waldemira Lucas, de Paracatu.

- a saúde de minha tia. Jandira Perroni, de Batatais.
- a saúde minhas filhas. Odete Martins Sette, de Guaratinguetá.
- o bom êxito em meu ofício. Aurélio Sampaio, de Guaratinguetá.
- graças em bem de minha família. Edmee Dias, de Guarani.
- grande graça em favor de uma pessoa de minha família. Antônio Mauri Filho, de São Roque da Terra Roxa.
- minha saúde e ter tido minha nora um parto feliz. Eugênia Barros de Almeida, de Sorocaba.
- diversos favores, como uma boa viagem, melhor emprêgo e ordenado para meu marido. Uma devota, de Belo Horizonte.
- O bom resultado na operação de meu filho. João Antônio Cristofolletti, de Piracicaba.
- uma importante graça. Nair Gonçalves, de Taissu.



JACAREI

Antonio Maria Claret
Seus pais: Sr. Edil Faria de Azevedo e Da. Irimeia dos Santos Faria.

MUITO AGRADECEMOS A TODOS ESTES DEVOTOS E FAVORECIDOS DE SANTO ANTÔNIO MARIA CLARET QUE COM SEUS DONATIVOS AJUDAM AS VOCAÇÕES SACERDOTAIS CLARETIANAS.

Pe. José de Matos Pereira,
C.M.F.

Diretor das V.S.C.

São Paulo
Cx. 615

- a saúde de minhas filhas. Odete Martins Sette, de Guaratinguetá.
- ter sarado de forte dor na pleura. Georgina Magalhães, de Curitiba.
- a cura de minha filha Regina Helena. Alcina Modesto Abrão.
- graças em favor de meu espôso. Joscelina Marques de Sousa, de Guaxupé.
- diversos favores que recebi. Rosalinda Ramos Vasques, de Uberaba.
- o feliz êxito da operação de meu noivo. Leila Ramires Monteiro, de Bauru.
- ter saído bem duma operação. Maria Consolação Costa, de Passabém.
- ter sarado de dores de cabeça. Maria R. dos Anjos, de Passabém.
- diversas graças obtidas na família. Raimunda Ferreira Silva, de Passabém.
- ter tido bom resultado em minhas duas operações. Maria das Dores, de Passabém.
- ter melhorado bastante em minha saúde grandemente abalada. José Glicério de Arruda, de Teixeira.
- o bom êxito num parto difficilimo salvando-se a criança. Zezé de Camargo Vaz, de Sorocaba.
- a saúde de minha avó. Regina Mancilha Vilela, de Pouso Alto.
- haver-me protegido em momentos de grave aflição. Uma devota, de Vinhedo.
- uma graça em favor de minha filha Maria de Fátima. Diva Santos Betti, de Sorocaba.
- a cura de bronquite. Messias Noronha, de Sorocaba.
- ter saído bem de um parto difficilimo, quando já desengana-da pelos médicos. Nelsina Seotto, de Sorocaba.
- uma graça em favor de minha filha. Hilda do Amaral Cussiol, de Sorocaba.

OS NOIVOS

outra coisa tenha sido, o fato é atestado de maneira tal, que se nos afiguraria menos razoável atribuí-lo a um sonho de muitos do que à ação real de alguns: ação que, aliás, não teria sido nem a primeira nem a última de tal gênero. Ripamonti, que muitas vezes, sobre este particular das unções, ridiculariza, e mais freqüentemente deplora, a credulidade popular, afirma aqui ter visto aquele lambusamento e descrevê-lo*. Na carta supracitada, os senhores da Saúde contam a coisa nos mesmos termos; falam de inspeções, de experiências feitas com aquela matéria sobre cães, e sem mau efeito: aditam ser opinião sua que tal temeridade haja procedido antes de insolência do que de fim criminoso: pensamento que indica nêles, desde esse tempo, calma de espírito bastante para não ver aquilo que não tinha havido. As outras memórias contemporâneas, narrando a coisa, denotam também ter sido, a princípio, opinião de muitos que aquilo tivesse sido feito por brincadeira, por extravagância; nenhuma delas fala de quem quer que a negasse; e certamente teriam falado se os tivesse havido; ao menos para chamá-los de extravagantes. Julguei que era fora de propósito referir e reunir êstes pormenores, em parte pouco conhecidos, em parte completamente ignorados, de um delírio célebre; porque, nos erros, e mormente nos erros de muitos, o que é mais interessante e mais útil de observar-se parece-me seja justamente o caminho que êsses erros fizeram, as aparências, os modos com que puderam penetrar nos espíritos e dominá-los.

A cidade, já agitada, ficou convulsionada: com palha acesa, os donos das casas queimavam os espaços untados; os transeuntes paravam, olhavam, horrorizavam-se, fremiam. Os estrangeiros, só por isto já suspeitos, e que então se conheciam facilmente pelo vestuário, eram detidos nas ruas pelo povo e conduzidos à justiça. Fizeram-se interrogatórios, exames, de detidos, de detentores, de testemunhas; nenhum culpado se achou; mas os espíritos ainda eram capazes de duvidar, de examinar, de julgar. O tribunal da Saúde publicou um edital em que prometia prêmio e impunidade a quem apontasse o autor ou os autores do fato. Dizem aqueles senhores na citada carta, que traz a data de 21 de Maio, mas que evidentemente foi escrita a 19, dia consignado no edital impresso: De qualquer modo, não nos parecendo conveniente que este crime, seja de que maneira fôr, fique impune, máxime em tempo tão perigoso e suspeito, para consôlo e calma dêste Povo e para tirar indício do fato havemos hoje publicado edital, etc. No próprio edital, entretanto, nenhum sinal, ao menos claro, daquela razoável e tranquilizadora conjectura que êles participavam ao governador: silêncio que acusa a um tempo uma preocupação furiosa no povo, e nêles uma condescendência tanto mais censurável quanto mais perniciosa podia ser.

Enquanto o tribunal procurava, muitos no público, como sucede, já haviam achado. Dos que acreditavam ser aquela uma unção venenosa, um queria que se tratasse de uma vingança de Dom Gonzalo Fernández de Córdoba pelos insultos recebidos na sua partida, outro uma invenção do Cardeal de Richelieu para despovoar Milão e apoderar-se dela sem trabalho; outros, e não se sabe por que razões, queriam fôsse autor dela o conde de Collato, Wallenstein, ou este ou aquele outro fidalgo milanês. Não faltava, como dissemos, quem não visse naquele fato mais do que uma pilhéria de mau gosto, e o atribuisse a

escolares, a nobres, a oficiais que se aborreciam no assédio de Casale. Depois, o não se ver, como se teria temido, seguir-se imediatamente uma infecção, um extermínio geral, foi provavelmente causa de que aquele primeiro susto se fôsse por então acalmando, e a coisa fôsse ou parecesse lançada ao esquecimento.

Havia, de resto, um certo número de pessoas ainda não persuadidas de que houvesse essa peste. E, pelo fato de, tanto no lazareto como pela cidade, alguns também se curarem dela, "era dito" (os últimos argumentos de uma opinião batida pela evidência são sempre curiosos de saber-se) "era dito pela plebe, e ainda por muitos médicos parciais, não ser aquilo uma verdadeira peste, pois nesse caso todos morreriam".* Para tirar tôda dúvida, achou o tribunal da Saúde um expediente proporcionado à necessidade, um modo de falar aos olhos, qual podiam requerê-lo ou sugeri-lo os tempos. Numa das festas de Pentecostes, usavam os cidadãos afluír ao cemitério de S. Gregório, fora da Porta Oriental, para rezarem pelos mortos da outra peste que ali estavam sepultados; e, tirando da devoção oportunidade para divertimento e para espetáculo, cada um ali ia o mais em gala que podia. Naquele dia morrerá de peste, entre outros, uma família inteira. Na hora da maior afluência, no meio das carruagens, da gente a cavalo e a pé, por ordem da Saúde Pública os cadáveres daquela família foram levados ao cemitério supracitado, numa carroça, nus, a fim de que o povo pudesse ver nêles a marca manifesta da pestilência. Um grito de horror, de terror, elevava-se por tôda parte por onde a carroça passava; longo murmúrio reinava por onde ela havia passado; outro murmúrio precedia-a. Então a peste foi mais acreditada; porém, aliás, ia ela granjeando fé por si mesma cada dia mais; e essa mesma aglomeração não deve ter servido pouco para propagá-la.

No princípio, portanto, nada de peste, absolutamente nada, de forma alguma: proibido sequer proferir o vocábulo. Depois, febres pestilenciais: a idéia é admitida de través, num adjetivo. Depois, não verdadeira peste; quer dizer, peste, sim, mas em certo sentido; não peste propriamente, mas uma coisa para a qual não se sabe achar outro nome. Finalmente, peste sem dúvida e sem contestação: mas já se lhe ligou outra idéia, a a idéia do venefício e do malefício, a qual altera e confunde a idéia expressa pela palavra que es não pode rejeitar.

Creio que não é necessário ser muito versado na história das idéias e das palavras, para ver que muitas destas têm feito um curso semelhante. Por graça do céu que não são muitas as de uma tal sorte, e de uma tal importância, e que conquistem a sua evidência a um tal preço, e às quais se possam ligar acessórios de um tal gênero. Não obstante, tanto nas coisas pequenas como nas grandes, poder-se-ia em grande parte evitar esse curso tão longo e tão tortuoso, adotando-se o método há tanto tempo proposto, de observar, auscultar, comparar, pensar, antes de falar.

Porém falar, esta coisa sôzinha é tão mais fácil do que tôdas essas outras juntas, que também nós, digo nós homens em geral, somos um pouco para desculpar.

(*) Et nos quoque ivimus videre. Maculae erant sparsim inaequaliterque manantes, veluti si quis haustam spongia saníem adpersisset, impressissetve parieti; et januae passim, ostiaque aedium eadem adspergine contaminata cernebantur. Pág. 75. — É nós também fomos ver. Eram manchas que escorriam aqui e acolá desigualmente, como se alguém aspersisse a parede e nela imprimisse uma podridão sugada com uma esponja; e a cada passo viam-se portas e entradas de edifícios maculadas com essa mesma aspersão.

(*) Tadino, pág. 93.

(Continua)